

A incrível narrativa de O homem duplicado, de José Saramago

Prof. Dr. Danilo Luiz Carlos Micali¹ (FATEC Itu)

Resumo:

*Em O homem duplicado (2005), de José Saramago, o **insólito** ficcional se manifesta no momento em que o principal personagem, ao ver-se num filme, descobre que tem um sósia, ou melhor, uma cópia perfeita de si, com rosto, corpo e voz absolutamente iguais. Em clima de suspense, através da inserção do elemento insólito, a trama urdida pelo autor debate a questão da identidade, numa sociedade que tanto cultiva a individualidade do sujeito, quanto estabelece padrões rígidos de aparência e conduta. Com o foco na figura do narrador, pretendo abordar a presença do insólito no texto, a partir do pressuposto de que essa vertente literária, por desestabilizar a ordem do real existente, constitui-se em potencial recurso para a revisão de valores e paradigmas. A par disso, observo certos aspectos que caracterizam o estilo da ficção saramaguiana, considerando as funções da literatura nesse romance polifônico e dialógico.*

Palavras-chave: insólito, metaficção, narrador, polifonia, dialogismo.

1 Introdução

José Saramago é reconhecido mundialmente como o grande escritor português da atualidade, em cuja obra vasta e riquíssima predomina a narrativa do romance, que pode ser reunida em duas vertentes: romances de temática histórica e romances de temática universal. Dentre estes últimos, *O homem duplicado* (2005) se destaca pela presença do elemento **insólito** no seu enredo, traço que pode ser estudado à luz do Realismo Mágico na Literatura.

O principal personagem do romance é Tertuliano Máximo Afonso, indivíduo que se descobre duplicado ao ver-se na televisão, atuando num filme de segunda, pois sua profissão não é atuar, e sim lecionar História no segundo grau. Esse sósia ou “irmão gêmeo” lhe é idêntico em tudo: o mesmo rosto, o mesmo corpo e a mesma voz; uma cópia perfeita de si, que atende pelo nome de Antonio Claro. Além do nome e profissão, o protagonista difere do seu duplo (o antagonista) apenas em relação ao estado civil: Tertuliano, divorciado, namora Maria da Paz, enquanto Antonio Claro é casado com Helena. Ambos moram numa mesma grande cidade, e nunca se haviam visto até então.

2 O narrador e o autor

O papel do narrador na história da literatura sempre foi relevante objeto de estudo, e continua a sê-lo no presente. É o narrador quem faz o leitor conhecer a trama de eventos, sejam reais, sejam imaginários ou insólitos, como acontece no gênero romance. O narrador de *O homem duplicado* parece fugir às clássicas definições do *Dicionário de Teoria da Narrativa* (REIS; LOPES, 1988), pois as passagens em que narra com alguma assertividade, demonstrando certa onisciência em relação aos personagens (narrador heterodiegético), destoam dos momentos em que denota incerteza e insegurança quanto aos fatos relatados.

O narrador de Saramago nos remete aos estudos de Mikhail Bakhtin: “Por trás do relato do narrador, nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador.” (BAKHTIN, 2002, p.118). Logo, nesse romance existiriam dois planos narrativos sobrepostos, de acordo com Bakhtin (2002, p. 118-119): o plano do narrador (de superfície), “na sua perspectiva expressiva e semântico-objetual”, e o plano do autor (de profundidade), “que fala de modo refratado nessa narração e através dela.”. A par do discurso polifônico existente nas camadas

superficiais desse texto, existiria outra voz, a do autor, situada nos “subterrâneos” da narrativa, como ilustra o seguinte fragmento, onde o autor textual, num tom entre jocoso e irônico, refere-se a personagens de outros romances do autor empírico, promovendo um diálogo intertextual entre vários textos de José Saramago.

(...) O que por aí mais se vê, a ponto de já não causar surpresa, é pessoas a sofrerem com paciência o miudinho escrutínio da solidão, como foram no passado recente exemplos públicos, ainda que não especialmente notórios (...) aquele pintor de retratos de quem nunca chegámos a conhecer mais que a inicial do nome, aquele médico de clínica geral que voltou do exílio para morrer nos braços da pátria amada, aquele revisor de imprensa que expulsou uma verdade para plantar no seu lugar uma mentira, aquele funcionário subalterno do registro civil que fazia desaparecer certidões de óbito, todos eles, por casualidade ou coincidência, formando parte do sexo masculino, mas nenhum que tivesse a desgraça de chamar-se Tertuliano, e isso terá decerto representado para eles uma impagável vantagem no que toca às relações com os próximos. (SARAMAGO, 2002, p. 10)

A partir daí, o narrador, por capricho ou indisfarçada ironia, quando se refere ao protagonista em pauta, cita-lhe o nome completo: “Tertuliano Máximo Afonso levantou-se da cadeira, ajoelhou-se diante do televisor (...). Sou eu, disse, e outra vez sentiu que se lhe eriçavam os pêlos do corpo, o que ali estava não era verdade, não podia ser verdade (...)” (SARAMAGO, 2002, p. 23).

Ao nos remeter ao autor empírico, o humanista José Saramago da vida real, essa narrativa revela algo que Bakhtin (2002, p. 135) chama de principal objeto do gênero romance, e que lhe confere um estilo original: “o homem que fala e sua palavra” (BAKHTIN, 2002, p. 135). De acordo com Bakhtin (2002, p. 135), o “discurso do sujeito falante no romance não é apenas transmitido ou reproduzido, mas *representado artisticamente* e, à diferença do drama, *representado pelo próprio discurso* (do autor)”. O discurso ficcional viria assim impregnado de signos que denotam a presença do autor nas linhas e entrelinhas da narrativa, como acontece no conjunto da obra desse autor português. Em *O homem duplicado*, o leitor conhece (ou reconhece) o discurso saramaguiano pelo seu estilo metanarrativo – que contém certo desvio em relação às regras de pontuação –, e na metaficção construída por ele. A propósito, se existe algo constante na obra de Saramago, como diria Maria Alzira Seixo (1987), seria justamente esse “desvio à norma”, seja ela qual for.

3 Funções da Literatura

Conforme afirma o filósofo russo (BAKHTIN, 2002, p. 135), “[o] sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma”. Neste sentido, a linguagem particular do autor de *O homem duplicado* “representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social” (IBIDEM, p. 135). Ele expressa em sua ficção um conjunto definido de ideias que revelam seu *ethos* e sua ideologia para o leitor; a qual contém no seu arcabouço um objetivo político, o que confirma nesse romance a sutil presença da **função ideológica** da literatura (CANDIDO, 1967, p. 56). Na verdade, chega a ser inconcebível uma literatura sem ideologia, considerando que a literatura mantém um vínculo estreito com “questões de poder social” (EAGLETON, 1983, p. 25). Por isso se percebe como é forte a ligação entre literatura e sociedade, já que sugestões e influências do meio sempre acabam se incorporando à estrutura da obra (CANDIDO, 1989, p. 163-164).

Logo, a **função social** da literatura seria inerente à produção literária de Saramago, e o texto em estudo seria um ótimo exemplo. Para Antonio Candido, a função social se refere ao “papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais e na manutenção ou **mudança** de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 1967, p. 55, grifo nosso). Neste sentido, esse romance defenderia uma mudança na ordem social vigente, que incentiva nas pessoas a repetição de padrões e comportamentos estereotipados. Mas, paradoxalmente, a nossa sociedade, globalizante e massificadora, também aposta no individualismo do sujeito, muito embora profetize Saramago, na epígrafe de outro romance de sua autoria (*As intermitências da morte*), “saberemos cada vez menos o que é um ser humano” (SARAMAGO, 2005, p. 7).

Por conseguinte, como sistema de signos linguísticos, o livro em pauta se constitui numa ilustre representação da **função total** da literatura, de acordo com Candido, para quem essa função “deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão de mundo por meio de instrumentos expressivos adequados”, e que “exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo.” (CANDIDO, 1967, p. 54).

4 Polifonia, Dialogismo, Intertextualidade

A passagem do monologismo para o dialogismo na literatura representa a “libertação” do personagem, que deixa de ser submisso à consciência do autor, para se tornar dono da sua própria consciência. Dentro do mundo ficcional desse romance, Tertuliano possui um confidente invisível, a quem o narrador chama de “Senso Comum” – que seria a autoconsciência (ou álter ego) do protagonista –, que o aconselha a não procurar o seu sócia. Mas, embora fosse um sujeito metódico e sensato, a curiosidade fala mais alto para Tertuliano, que decide checar se a sua cópia era-lhe realmente idêntica em tudo, o que só seria possível num confronto face a face. Assim, acaba marcando um encontro com seu duplo, no qual pôde constatar que a semelhança era absoluta de fato, até mesmo nas partes mais íntimas do corpo.

No enfoque polifônico e dialógico, a autoconsciência do personagem se torna preponderante na construção da sua imagem, o que exige uma posição diferenciada do autor na representação do personagem. Nesse texto dialógico, as estratégias discursivas se baseiam no emprego generoso do discurso indireto livre, no qual se mesclam discurso do personagem e discurso do narrador, como nesta passagem:

(...) sim, de acordo, não devo transformar isto numa tragédia, tudo quanto é possível suceder, já sabemos que sucederá, primeiro foi o acaso que nos tornou iguais, depois foi o acaso de um filme de que eu nunca tinha ouvido falar, poderia ter vivido o resto da vida sem imaginar sequer que um fenómeno destes escolheria para manifestar-se um vulgar professor de História, este que ainda há poucas horas estava a corrigir os erros dos seus alunos e agora não sabe que fazer com o erro em que ele próprio, de um instante para outro, se tinha visto convertido. (SARAMAGO, 2002, p. 28).

Em certos momentos, o narrador de Saramago, no seu tom irônico constante, também dialoga com o leitor, como no seguinte fragmento: “Não nos esqueçamos de que Tertuliano Máximo Afonso, além de ser o conhecido professor de História que sabemos e um reputado estudioso das grandes questões do audiovisualismo, é também um alugador de vídeos por grosso e atacado (...)” (SARAMAGO, 2002, p. 72).

Nesse texto, metanarrativa e metaficção irrompem simultâneas, de maneira que o narrador consegue estabelecer certa cumplicidade com o leitor acerca da narração dos eventos diegéticos (pacto ficcional). A metanarrativa, visível nas interrupções ocorridas no fluxo do relato, é estratégia

discursiva que perdura do começo ao fim, como se vê no trecho seguinte: “Ao contrário da errônea afirmação deixada cinco linhas atrás, que contudo nos dispensaremos de corrigir in loco uma vez que este relato se situa pelo menos um grau acima do mero exercício escolar (...)” (SARAMAGO, 2002, p. 43).

Os diálogos entre narrador e leitor, entre Tertuliano e o “Senso Comum”, além dos diálogos dos personagens entre si, dão prova da pluralidade discursiva desse romance polifônico e dialógico, em que o autor textual é o grande regente. Esse confronto de vozes diversas faz com que, por vezes, a voz do narrador desapareça, para dar lugar ao diálogo dos personagens, a exemplo do seguinte fragmento (diálogo entre o protagonista e sua autoconsciência):

Para senso comum tens demasiada imaginação, Lembra-te do que te tinha dito há umas semanas, só um senso comum com imaginação de poeta poderia ter sido o inventor da roda, Não foi isso o que disseste, exactamente, Tanto faz, estou a dizê-lo neste momento, Serias melhor companhia se não quisesse ter sempre razão, Nunca presumi de ter sempre razão, se alguma vez errei fui o primeiro a dar a mão à palmatória, (...) (SARAMAGO, 2002, p. 223-224).

Este excerto, se nos permite observar o desvio do autor em relação às regras da pontuação (ao colocar a vírgula ao invés do ponto), também nos lembra que o dialogismo, como diz Bakhtin (BRAIT, 1997), não apenas instaura a interdiscursividade da linguagem, mas estabelece a relação entre o eu e o outro.

Por outro lado, os romances de Saramago comumente se abrem ao diálogo intertextual com outras formas de expressão artística ou de pensamento produzidos pela cultura ocidental. Ou seja, o livro abre-se à apreensão de outro olhar, o que faz o leitor defrontar-se com obras da literatura universal, ou ver-se lançado para fora dela, num diálogo com outras artes e/ou ciências. Na ficção de *O homem duplicado*, o diálogo ocorre com a História enquanto disciplina, no sentido de discutir sua metodologia de ensino.

A História que Tertuliano Máximo Afonso tem a missão de ensinar é como um bonsai a que de vez em quando se aparam as raízes para que não cresça, uma miniatura infantil da gigantesca árvore dos lugares e do tempo, e de quanto neles vai sucedendo, olhamos, vemos a desigualdade de tamanho e por aí nos deixamos ficar (...), e se é verdade que à pequena sombra deste, supondo-o provido de suficiente frondosidade, pode ir acoitar-se uma lagartixa, o mais certo é que ao réptil lhe fique a ponta do rabo de fora. (SARAMAGO, 2002, p. 15).

Mas esse romance também dialoga com o registro histórico da sociedade moderna (ou pós-moderna), pois a ficcionalidade construída alcança uma configuração fiel ao universo representado, ao nos lembrar que o homem do mundo real tornou-se, na atualidade, um ser cercado de estereótipos que devem ser seguidos.

No mundo ficcional de *O homem duplicado*, o encontro entre protagonista e antagonista gera conflito para ambos, que culmina com o desejo recíproco de morte, pois percebem a similaridade física como um perigo para a vida social, já que poderiam ser facilmente confundidos. Num certo momento ocorre a troca de papéis, quando Antonio Claro, usando as roupas de Tertuliano, sofre um fatal acidente de carro em companhia de Maria da Paz, que também morre. Notificada a morte do professor de História, o verdadeiro Tertuliano decide assumir a vida do ator, por sugestão da viúva, Helena, única a saber da existência dos gêmeos.

5 O insólito ficcional

Saramago lida com a questão do “duplo” preocupando-se com aspectos físicos e pessoais que garantem a absurda semelhança entre os gêmeos e suas implicações sociais, pois, como se vê no final da trama, Tertuliano não foi apenas duplicado, mas triplicado, o que faz o leitor supor a existência de cópias extras do professor de História. Por isso, adquire especial importância o elemento **insólito** presente em *O homem duplicado*, o qual pode ser analisado pelo viés do Realismo Mágico na literatura. De acordo com Todorov, o que há de insólito (ou fantástico), nessa narrativa, tem uma existência que “[...] dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se aquilo que percebem se deve ou não à ‘realidade’, tal qual ela existe para a opinião comum.” (TODOROV, 1969, p. 16). Para o estupefato protagonista desse romance, a visão de uma cópia perfeita de si, ainda que, no primeiro momento, tenha-lhe causado assombro, admiração e surpresa, é logo aceita por ele como fato incontestável, dentro do mundo ficcional, tendo em vista a existência, na realidade concreta, de gêmeos geneticamente idênticos, além da possibilidade científica de clonagem de seres humanos, a qual, embora atualmente considerada impraticável, seria teoricamente factível.

Sentia-se tranqüilo agora, sem dúvida a semelhança era, por assim dizer, assombrosa, mas daí não passava, semelhanças é o que não falta no mundo, vejam-se os gémeos, por exemplo, o que seria para admirar é que havendo mais de seis mil milhões de pessoas no planeta não se encontrassem ao menos duas iguais. (SARAMAGO, 2002, p. 24).

No Realismo Mágico Ontológico, tal como chama Spindler (1993), os eventos diegéticos insólitos são apresentados como naturais; ou seja, “o sobrenatural é apresentado de um modo realista como se não contradissesse a razão e não são oferecidas explicações para os acontecimentos irrealis no texto” (SPINDLER, 1993, p.10). No caso de *O homem duplicado*, embora considerada algo incomum, a aparição do duplo é aceita pelo narrador, protagonista e demais personagens, que testificam a sua existência no mundo diegético.

Mas enquanto o duplo é aceito e encarado como fato por todos, inclusive pelo leitor, **o insólito ficcional se manifesta na mudança física simultânea ocorrida em ambos, no decorrer do tempo, para que a semelhança absoluta se mantenha**, fato realmente extraordinário.

O que mais me confunde (...) não é tanto o facto de este tipo se parecer comigo, ser uma cópia minha, digamos, um duplicado, casos assim não são infrequentes, temos os gêmeos, temos os sócias, as espécies repetem-se, o ser humano repete-se (...) e poderia suceder, não tenho nenhuma certeza (...), que uma alteração fortuita num determinado quadro genético tivesse por efeito um ser semelhante a outro gerado num quadro genético sem qualquer relação com ele, **o que me confunde não é tanto isso como eu saber que há cinco anos fui igual ao que ele era nessa altura, até bigode usávamos, e mais ainda a possibilidade, que digo eu, a probabilidade de que passados cinco anos, isto é, hoje, agora mesmo, a esta hora da madrugada, a igualdade se mantenha, como se uma mudança em mim tivesse de ocasionar a mesma mudança nele, ou, pior ainda, que um não mude porque o outro mudou, mas por ser simultânea a mudança, isso é que seria de dar com a cabeça nas paredes, (...)** (SARAMAGO, 2002, p. 27-28 grifo nosso).

Segundo afirma Spindler (1993, p.10), no realismo mágico ontológico, o autor não se preocupa em convencer o leitor, mas essa reflexão do protagonista, bem que justifica a sua perplexidade diante do caráter insólito dos acontecimentos. Na última página do romance surge mais um duplo e a estória se repete. Tertuliano, agora com a identidade de Antonio Claro, cujo nome artístico é Daniel Santa Clara, tem uma desagradável surpresa.

O telefone tocou. Sem pensar que poderia ser algum dos seus novos pais ou irmãos, Tertuliano Máximo Afonso estremeceu, nesta mesma cadeira deveria ter sentado António Claro na noite em que lhe telefonou. **Agora a conversa vai repetir-se, o tempo arrependeu-se e voltou para trás.** É o senhor Daniel Santa-Clara, perguntou a voz, Sim, sou eu, Andava há semanas à sua procura, mas finalmente encontrei-o, Que deseja, Gostaria de me encontrar pessoalmente consigo, Para quê, Deve ter reparado que as nossas vozes são iguais, Parece-me notar uma certa semelhança, Semelhança, não, igualdade, Como queira, Não é só nas vozes que somos parecidos, Não entendo, Qualquer pessoa que nos visse juntos seria capaz de jurar que somos gêmeos, Gêmeos, Mais que gêmeos, iguais (...). (SARAMAGO, 2002, p. 315 grifo nosso).

A perda de identidade do sujeito seria o tema debatido nesse romance, considerado o homem do terceiro milênio um ser múltiplo, socialmente estratificado, e desprovido de individualidade. Assim, o surgimento das cópias é o fato ficcional necessário para o autor abordar o traço desumano do mundo globalizado, qual seja, a massificação social. A ânsia de uniformizar da sociedade moderna (ou pós-moderna) dissolveria as singularidades pessoais, numa cultura de massa que se pretende universal. Na verdade, ao procurar o seu duplo, Tertuliano teria partido em busca de si mesmo, da sua interioridade, e se veria em confronto com a perda total de identidade, em um corpo duplicado e reduplicado *ad infinitum*.

Em certas passagens, a ambiguidade da voz narrativa contribui para instaurar uma atmosfera insólita no enredo, pois o narrador demonstra insegurança no seu relato, a exemplo do momento posterior à aparição do gêmeo, que poderia ter sido apenas um sonho ou fruto da imaginação do protagonista, entediado como estava com sua profissão e sua vida. “Nem o próprio Tertuliano Máximo Afonso saberia dizer se o sono tornou a abrir-lhe os misericordiosos braços depois da revelação tremebunda que foi para ele a existência, talvez nesta mesma cidade, de um homem que (...) é o seu vivo retrato.” (SARAMAGO, 2002, p. 27).

Conclusão

Enfim, através da inserção do elemento insólito, Saramago retoma a questão do duplo para nos fazer refletir sobre a condição humana na sociedade globalizada, no sentido de rever valores e paradigmas, enquanto o seu jogo metanarrativo e metaficcional reflete o seu fazer literário, e isto a partir do próprio nome do protagonista, pois, como sabemos, Tertuliano vem de “tertúlia”, cujo significado é “reunião entre amigos para debater assuntos literários”. Assim, Tertuliano finalmente fará juz ao Máximo do seu nome, enquanto exemplar verdadeiro, autêntico e original, pois ele será o “máximo” em meio às cópias existentes no mundo ficcional.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Jr, Augusto Góes Jr., Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.

BRAIT, B. “Bakhtin e natureza constitutivamente dialógica da linguagem” in _____ (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1967.

_____. “Literatura de dois gumes”. In: *A Educação pela Noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 163-164.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SARAMAGO, José. *O homem duplicado*.]São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

SPINDLER, William. *Realismo mágico: uma tipologia*. Tradução de Fábio Lucas Pierini do original inglês “Magic realism: a typology”. *Forum for modern language studies*. Oxford, 1993, v. 39, p.75-85. Texto não publicado.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1969.

ⁱ Autor

Danilo L. C. MICALI, Prof. Dr.

Faculdade de Tecnologia de Itu (FATEC Itu)

E-mail: dlcmicali@gmail.com